

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO EDUCATIVO: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**INTERPERSONAL RELATIONSHIPS IN THE EDUCATIONAL PROCESS: REFLECTIONS AND CONTEMPORARY PERSPECTIVES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.002-002>**Adriano Rosa da Silva**

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). MBA em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP).

RESUMO

O tema central da pesquisa foi destacar algumas contribuições do conhecimento teórico-científico sobre a importância das relações interpessoais no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar e como essas relações favorecem a aprendizagem dos alunos quando mediadas pelos professores de forma positiva. O principal objetivo do trabalho foi investigar, por meio de revisão bibliográfica, aspectos considerados relevantes acerca das possibilidades de interação entre os educandos e entre esses e os diferentes atores envolvidos no processo educativo, pondo em relevo as especificidades da ação educativa e da mediação pedagógica na contemporaneidade. Cabe destacar, também, que foram levantados apontamentos no sentido de caracterizar as atitudes favoráveis para a produção de um bom ambiente de trabalho na escola. Assim, o estudo das relações interpessoais pode mostrar como a aprendizagem é favorecida por meio de relações que estimulem e valorizem o papel precípua do aluno em seu processo de construção da aprendizagem. Nessa direção, buscou-se o referencial teórico de Morales, Placco, Fritzen, Moscovici, Antunes, entre outros estudiosos do tema.

Palavras-chave: Relações interpessoais; Educação; Contemporaneidade.

ABSTRACT

The central theme of the research was to highlight some contributions of theoretical-scientific knowledge about the importance of interpersonal relationships in the teaching-learning process in the school context and how these relationships favor student learning when mediated by teachers in a positive way. The main objective of the work was to investigate, through a bibliographic review, aspects considered relevant regarding the possibilities of interaction between students and between them and the different actors involved in the educational process, highlighting the specificities of educational action and pedagogical mediation in contemporary times. It is also worth noting that notes were raised in order to characterize the attitudes favorable to the production of a good work environment in the school. Thus, the study of interpersonal relationships can show how learning is favored through relationships that stimulate and value the primary role of the student in their learning construction process. In this direction, the theoretical framework of Morales, Placco, Fritzen, Moscovici, Antunes, among other scholars on the subject, was sought.

Keywords: Interpersonal relationships; Education; Contemporaneity.



1 INTRODUÇÃO

Tencionou-se desenvolver e aprofundar um estudo acerca da temática da afetividade nas relações interpessoais estabelecidas no ambiente educacional, concebendo a escola, e mais especificamente, a sala de aula, como um campo próprio de análise, como um lócus privilegiado de interação entre sujeitos heterogêneos em processo de aprendizagem e desenvolvimento. Sendo relevante a criação de estratégias de aprendizado cooperativo, dando o tom de protagonismo ao ensino de habilidades sociais no espaço escolar.

Nesse prisma, quando o processo de aprendizagem é mediado, isto é, pautado no conhecimento de si em intercâmbio com o outro, possibilita, assim, mais concretamente, a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de lidar e de enfrentar toda a sorte de mudança, adversidade e de conflitos interpessoais, de desenvolver conexões e mecanismos de confiança nos seus relacionamentos, sendo fundamental instigar a cooperação e a colaboração entre os sujeitos (MENTIS, 1997).

Destacando-se, para fins de investigação nesta pesquisa, as implicações concernentes aos âmbitos relacionais entre os sujeitos que se dão em inter-relação, isto é, o que aprende e o que ensina. Nesta via, considera-se no estudo o conceito ampliado de educação, que perpassa diferentes contextos e âmbitos da vida humana. O estudo apoiou-se no aporte teórico de estudiosos da área para responder a questão proposta. Nessa linha, ressalta-se que o objetivo precípuo deste estudo é possibilitar a compreensão no tocante às contribuições do conhecimento teórico-científico sobre as interações humanas.

Nesse horizonte analítico, o foco da pesquisa é o processo vivenciado pelos sujeitos no ambiente escolar, configurando-se como uma possibilidade de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos em interação em um processo formativo, dinâmico, complexo. O estudo acerca das relações interpessoais no ambiente escolar ampliou-se à medida que cresceram, ao longo dos últimos anos, as dificuldades imanentes aos problemas de relacionamento com os alunos. Sobre isso, vale salientar que “grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas (MOSQUERA e STOBÄUS, 2004 p.93).

2 RELAÇÕES INTERPESSOAIS, AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO

Ensinar e aprender são duas tarefas constitutivas do fazer da sala de aula, de modo que as relações que lá ocorrem propiciam o desenvolvimento de professores e alunos¹. Isso significa trabalhar afetos, formação de vínculos, desenvolvimento interpessoal, situações de troca e partilha no processo educacional, entendido como um processo de interação social e de influência mútua, atitudes diárias muito importantes

¹ A escola é um espaço por excelência de socialização, é à escola que compete a formação do cidadão que, por estar bem inserido no seu meio, pode sem perda de identidade abrir-se a outros meios, ao diálogo que essa abertura comporta e ao respeito das identidades e de outras formas de estar no mundo. Tornar a escola um espaço dialógico de construção de identidades implica, como tem sido repetidamente notado, que a escola se torne numa organização democrática e participativa, aberta ao meio e dotada de um sentido de comunidade e da sua relação com a comunidade (FERREIRA, 2006, p. 57).



para a formação e manutenção de relações interpessoais agradáveis. De acordo com Grillo (2004), o espaço de uma sala de aula onde existe uma relação de confiança e respeito torna-se alegre e motivador. O relacionamento que se estabelece dentro da sala de aula precisa ser de respeito e cooperação, principalmente entre os alunos, para que possam se manifestar, interagir, colaborar uns com os outros. Tanto o professor como o aluno trocam informações, conhecimentos e impressões acerca da realidade social e acabam se desenvolvendo conjuntamente. Segundo Grillo: “Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida” (2004, p. 79).

Nessa direção, a escola deve ser pensada como um espaço coletivo e heterogêneo de encontros que ocorrem em função do convívio entre pessoas, sendo importante atentar para o cuidado, o respeito e a consideração, na relação ensinante-aprendente, ao invés de se focar tão somente em técnicas e metodologias de ensino que não valorizam a colaboração, a troca, empregando-se valores essenciais para manter as relações com as outras pessoas, de sorte que o contato com o outro traz a segurança de que não estamos sozinhos. As práticas que impelem os alunos ao trabalho colaborativo, se bem trabalhadas, serão importantes não somente na escola, mas em diversas situações da vida dos indivíduos. Os educandos solicitam muito mais do que informações, solicitam atenção e afeto, afetando e sendo afetados, de modo que “a afetividade que no início era uma reação basicamente orgânica passa a sofrer influência do meio social, a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino” (SOUZA, 2013, p. 13).

A afetividade depende de dois fatores: o orgânico e o social que possuem uma importante relação, tanto que as dificuldades de uma situação podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Essa ligação durante o desenvolvimento do indivíduo modifica a fonte de onde provêm as manifestações afetivas (SOUZA, 2013, p. 13).

A afetividade tem uma ampla gama de manifestações, engloba sentimentos e emoções, visto que o homem necessita se relacionar com os outros, e essa relação é estabelecida pela comunicação. Para convivermos bem com as pessoas é preciso demonstrar afetividade. Nessa linha de entendimento, em educação, como em qualquer grupamento humano, existe a necessidade da convivência. Educar é conviver, compartilhar experiências e objetivos comuns. Portanto, os educadores devem perceber a importância do *aprender a conviver* e esse processo de aprendizagem aponta para o desenvolvimento da dimensão humana nos relacionamentos interpessoais². O convívio, a troca de experiências e a possibilidade de contar com o outro, acrescenta à educação um caráter mais dialógico, humanista. O que aponta para a ideia de que o

² As relações interpessoais constituem a medula da vida. Elas formam e entretêm a nossa identidade pessoal. Em certo sentido, nós nos tornamos e ficamos aquilo que somos graças à atenção que nos é dispensada pelos outros (FRITZEM, 1987, p. 73).

diálogo e a interação entre a turma devem acontecer sempre. Essa contribuição acerca das interações dos sujeitos aprendentes é importante, pois “quanto maior a diversidade de grupos de que participam, mais numerosos serão seus parâmetros de relações sociais, o que tende a enriquecer sua personalidade” (GALVÃO, 2000, p. 101). Sob esse ângulo, Morales (2009) assevera que

Nosso impacto e nossa influência sobre os alunos vão além dos conhecimentos e habilidades que ensinamos. Nisto pode consistir o mais importante de nossa atividade como professores: incidimos em valores, atitudes, hábitos, motivação, em como eles veem a si mesmos (...). Influímos sobre os alunos e os alunos influem sobre nós. Nossa atitude com relação aos alunos condiciona sua atitude diante de nós (...) sempre podemos explorar recursos e estratégias para melhorar o relacionamento e estimular os alunos (MORALES, 2009, pp.157-158 e159).

Diante do exposto, o professor deve ter sempre expectativas positivas em relação aos alunos, deve também se esforçar para despertar o interesse e a curiosidade sem cercear a espontaneidade dos discentes, sabendo-se que o espaço de sala de aula não é, apenas, um espaço de instrução ou fazer profissional, mas um espaço de encontros e desencontros que ocorrem em função do convívio entre pessoas³. Nessa esfera, constitui-se um dos papéis precípuos do professor fazer com que seus alunos enxerguem essas diferenças e aprendam a conviver com elas de forma harmoniosa e respeitosa. Nesse ponto, precisamos entender e respeitar o fato de que as pessoas são diferentes, portanto, pensam e agem de formas diferentes. Segundo Bock (1999), a percepção social é o ponto de partida para as relações interpessoais⁴ – “percebemo-nos um ao outro e percebemos não só a presença do outro, mas o conjunto de características que apresenta, o que nos possibilita ter uma impressão dele” (p. 135). Nessa ótica, as relações interpessoais estão voltadas para as atitudes e comportamentos entre os indivíduos, isto é, para a convivência. Em que todos tenham a oportunidade de participar das discussões e decisões.

Nessa perspectiva, o estabelecimento de uma boa relação professor-aluno é a pedra de toque no processo educativo, de modo que o estabelecimento de boas relações com os alunos é o primeiro passo para o sucesso desse processo. Considerar os conhecimentos prévios dos alunos e estimular sua participação nas discussões e conversas nas aulas é um fator relevante e faz com que o aluno sinta segurança e confiança no professor e em si próprio. Pode ocorrer que o professor não consegue ter uma boa relação com a turma por pensar que há incompatibilidade em demonstrar afetividade e manter a disciplina na sala de aula. Nesse horizonte, o professor, dentro da sala de aula, deve zelar pelo bom relacionamento entre os alunos.

³ Toda a vida na classe é relação de um tipo ou de outro: o professor explica, pergunta, responde, informa; comunica-se verbalmente e não verbalmente de muitas maneiras. Os alunos, por sua vez, escutam, perguntam, respondem e também se comunicam não verbalmente de muitas maneiras; dizem algo enquanto aguardam e também estão dizendo algo quando estão distraídos (MORALES, 2009, p. 10).

⁴ Relações interpessoais são o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas”. Para o autor, as relações interpessoais têm bases emocionais e psicopedagógicas e podem criar um clima favorável na escola, ou não (ANTUNES, 2009, p. 9).



Contribuindo, assim, para a socialização e para o desenvolvimento cognitivo e argumentativo dos alunos. Nessa senda, interessa considerar que todo conhecimento é uma construção resultante das ações dos sujeitos que aprendem em relação ao objeto conhecido no transcurso do processo de aprendizagem, que é dinâmico, desse modo, ganha uma superlativa importância o reconhecimento da função social dos conteúdos escolares.

Deve-se focar as relações pessoais – interpessoais e sociais – em sala de aula, com toda a carga de afetividade que compõe os movimentos de seres em interação, nos quais educando e educadores se desenvolvem, afetando-se reciprocamente uns no desenvolvimento dos outros, pois não é o facilitador que detém todo o conhecimento, "há maior comprometimento quando se leva em conta a vivência das pessoas, as pessoas no grupo aprendem construindo" (TATAGIBA & FILÁRTICA, 2002, p. 30). O que significa dizer que o aluno não é coadjuvante no processo da aprendizagem. Nessa perspectiva, entende-se afetividade no âmbito educacional como um vínculo, uma relação que une os atores participantes do processo educativo. Sendo assim, quem afeta, também de alguma maneira é afetado. Assim, as relações na escola influem diretamente no trabalho do professor em sala de aula e em seu relacionamento com os alunos. Em que cada um, a seu modo e com determinado papel, está envolvido na construção de conhecimentos e na formação de atitudes e de valores humanos (SAVIANI, 1984). Sobre isso, o ambiente escolar deve ser considerado o *locus* privilegiado para a formação inicial e continuada dos docentes.

Por conseguinte, Santos, Antunes e Bernardi (2008) apresentam a concepção de sujeito ativo, dinâmico, autônomo, criativo, construindo conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais. Nesta via, em uma sala de aula nos deparamos com uma grande diversidade de pessoas, por conta disso, a relação professor-aluno precisa ser franca. É importante que o aluno não sinta vergonha ou medo de falar com o professor sobre suas dificuldades. O diálogo se configura como uma estratégia eficiente para o cotidiano escolar. Sobre isso, quando os alunos se relacionam de forma favorável com o professor, tornam-se mais abertos e mais motivados para aprender. Para essa reflexão, destacam-se sobretudo as questões da motivação e da interação. Nesse prisma, a educação acontece em um processo contínuo de interação entre os sujeitos. No espaço escolar, o aspecto relacional imanente às trocas que estabelecemos com os outros, faz pensarmos nos papéis e funções sociais de professores e alunos (SANTOS, ANTUNES e BERNARDI, 2008, p.48).

Refletir para que as relações interpessoais aconteçam de forma satisfatória no ambiente escolar abre um espaço para o crescimento das trocas de ideias, podendo suscitar divergências de opiniões no dia a dia da escola e esses momentos profícuos se tornem uma possibilidade frutífera de crescimento para os sujeitos que habitam esse ambiente. Em face do exposto, o planejamento das atividades escolares deve incluir uma reflexão acerca do espaço, do tempo e das oportunidades de interações sociais oferecida (GALVÃO, 2000, p. 101). Nessa perspectiva, as horas em sala de aula, com constantes avaliações e atividades escolares



constituem um momento propício para o seu desenvolvimento mental e emocional, além de adquirirem habilidades para as diversas situações com que se deparam (ANTUNES, 2014).

A título de ilustração, a relação respeitosa, quando é estabelecida em sala de aula é a de respeito e este se manifesta quando há um ambiente de trocas, onde cada um tem o seu espaço. As questões pessoais trazidas pelos alunos até o professor, fazem parte de uma relação afetiva e de confiança que o aluno tem com o professor. Nessa troca de experiências, onde o professor interage com o aluno, afetando e sendo afetado pelo outro, vai se construindo uma relação de confiança, o que pode contribuir para tornar a sala de aula um ambiente agradável e favorável ao aprendizado. O aluno precisa sentir-se à vontade com o professor durante a aula para que as aulas sejam proveitosas e interessantes e isso irá facilitar a construção dos conhecimentos com relação aos conteúdos trabalhados. São muitos os desafios enfrentados pelos professores para concretizarem a adoção das relações interpessoais no ambiente educativo, sendo preciso fomentar a sua importância durante a formação inicial e reforçando na formação continuada, levando os professores a cada vez mais valorizarem as qualidades pessoais e interpessoais em suas práticas em sala de aula (SANTOS, ANTUNES e BERNARDI, 2008).

As relações interpessoais devem ser o foco também da gestão escolar, o farol das práticas educativas. É preciso, pois, refletir sobre o tipo de relações que estão sendo vivenciadas na escola, no sentido de se verificar se estão sendo promotoras ou limitadoras das potencialidades dos educandos⁵. De modo que aprender a respeitar a opinião dos colegas, dividir tarefas, discutir sobre metodologias e resultados de pesquisa ajudam o aluno a construir seus pontos de vista, tornando-se assim, sujeito de sua aprendizagem. Diante disso, “as relações interpessoais são fundamentais para explicar e entender grande parte dos problemas enfrentados pelos profissionais da educação no exercício das suas funções docentes e administrativos” (GASPAR, 2009, p.30). O que torna patente que estabelecer vínculos afetivos é fundamental para o bom funcionamento do trabalho pedagógico na escola e para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma prazerosa para o professor e para os alunos.

Na área da educação, são numerosas as contribuições de Wallon acerca do contexto educativo. A partir dos pressupostos teóricos wallonianos, toda relação é constituída pela afetividade. As relações afetivas, como afirma Wallon, são as primeiras formas que se têm de contato com o mundo, portanto, têm um papel fundamental na construção do conhecimento e na interação social. As relações interpessoais ocorrem no contexto da escola e da sala de aula, na medida em que encontramos professores que realmente exercem seu trabalho com comprometimento, dando atenção às necessidades do aluno. Conforme Galvão (2000), Wallon propõe uma escola engajada, mobilizadora, inserida na sociedade e na cultura, de modo

⁵ Uma mudança valorativa no nível de expectativa que o professor tem a respeito do rendimento acadêmico de um aluno se traduz em mudança no afeto que o professor demonstra por esse aluno e mudança no esforço do professor para ensinar e ajudar esse aluno (MORALES, 2009, p. 94).



ampliado, ao mesmo tempo, uma escola comprometida com o desenvolvimento dos indivíduos em seu processo formativo, no âmbito pessoal, numa prática que integra a dimensão social e a individual (GALVÃO, 2000, p. 80).

À luz dessa base teórica, para compreender melhor as relações interpessoais, Brenner e Ferreira (2020, p.47) as definem como um “conjunto de interações cotidianas, em todas as dimensões da vida, objetivando a convivência, esse conjunto inclui estar em conexão com outras pessoas ou mesmo em desconexão ocasionando conflitos que também são espécies de relações interpessoais”. Entende-se, que dentro do ambiente escolar, as relações estabelecidas entre os sujeitos que lá convivem, a partir da afetividade, é um vínculo de confiança que vai se desenvolvendo. Assim, ensinar é trocar informações, é contribuir para a construção de conhecimentos dos alunos e dos próprios professores, ensinantes e aprendentes, contribuindo, principalmente, para o seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, mudanças num ambiente escolar sempre serão necessárias e bem-vindas, até para o próprio bom desenvolvimento dos alunos. Em que aprender a respeitar a opinião dos colegas, dividir tarefas, discutir sobre metodologias e resultados de pesquisa ajudam o aluno a construir seus pontos de vista, tornando-se assim, sujeito de sua aprendizagem.

Logo, as relações interpessoais devem estar baseadas no equilíbrio e na compreensão, onde o papel do professor é mediar a aprendizagem dos seus alunos com afeto sem abrir mão dos limites necessários para que se construa o respeito entre todos que interagem nesse espaço formativo, propondo problemas que falem do cotidiano dos alunos, construindo práticas que levem em consideração as concepções prévias dos estudantes. Estabelecendo um ambiente de tolerância e diálogo. No tocante às relações de cooperação como pesquisas realizadas por Piaget sobre o processo de socialização, é importante que a escola também construa a sua identidade, reconhecendo suas potencialidades e seus pontos a melhorar para que possa encontrar alternativas para a resolução dos desafios que se apresentam no ambiente escolar. Em suma, o professor, como mediador no processo ensino-aprendizagem, deve auxiliar o aluno na sua construção de conhecimentos, habilidades e atitudes e na busca de estratégias para a resolução de diferentes situações-problema, para que o conhecimento adquirido possa ser socializado e aplicado em outras situações ao longo da vida.

3 RELAÇÕES INTERPESSOAIS, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

É preciso entender a relação ensino-aprendizagem, como uma relação de diálogo entre sujeitos que criam e recriam suas hipóteses, bem como suas ações sobre o mundo, em constante mudança, expressando sua humanidade, seu ‘fazer-ser’ humano (VYGOTSKY, 1987). O homem é um ser relacional, de sorte que cada um de nós, ao nos relacionar, tem uma percepção sobre o comportamento e as reações dos outros. Desse modo, o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica

(FREIRE, 1996, p. 136). Neste viés, “o conhecimento resulta de uma construção contínua que se processa mediante a interação entre sujeito e objeto” (ARANHA, 2006, p.307). Como bem nos reforça Falcão (1986) *apud* Jean Piaget (1976) é na interação/ relação com o meio que o sujeito se desenvolve, construindo e reconstruindo seus conhecimentos e suas hipóteses sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca.

A docência na contemporaneidade requer um sem-número de qualidades pessoais e interpessoais que possam contribuir para uma prática de ensino mais personalizada. Ganha relevância, portanto, o conhecimento que temos de nós mesmos, como fator preponderante no processo de comunicação interpessoal com outras pessoas no nosso meio social, visto que é importante se compreender os sentimentos e emoções envolvidos no nosso relacionamento com o próximo. Exemplo disso é que mudar um comportamento ou conviver com pessoas de temperamento difícil não são tarefas fáceis. Nessa medida, valores relacionados à qualidade da relação entre os atores envolvidos no processo educativo devem ser trabalhados de forma a incentivar a participação de todos em uma perspectiva democrática e cidadã. É com essa linha de entendimento que se depreende o relacionamento interpessoal como o conhecimento das relações internas entre si próprio ou com o seu interior.

Nessa dinâmica reflexiva, o diálogo é o caminho necessário para se chegar ao aluno, para entendê-lo e respeitá-lo, de modo que o professor pode ajudar o aluno no processo de descoberta, desenvolvimento e autoafirmação de sua identidade, que é única e singular, e esse fator deve ser levado em consideração em toda prática educativa⁶. A valorização das habilidades para se conviver de maneira harmoniosa e com bom relacionamento interpessoal. Assim, ao considerarmos as interações entre as pessoas no ambiente escolar tem de se levar em conta que o comportamento do outro pode não corresponder ao que se espera dele. Diante disso, “o diálogo mostra-se como peça fundamental nesse processo, que também incorpora à vida escolar expressões culturais dos alunos, frequentemente ignoradas nas práticas curriculares convencionais” (ABRAMOVAY *et. al.*, 2004, p. 6). É importante, pois, saber lidar com as diferenças na escola. Sem perder de vista que a escola é uma comunidade educativa que visa a mobilização dos atores que a compõem.

Assim, se pretende ressaltar a importância da dimensão relacional-social do processo educativo, empregando-se métodos para que o relacionamento seja eficaz, em que “o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 1996, p. 103). Nesse horizonte, ao se conviver com as diferenças em sala de aula é importante ter em mente que para além de se focar em técnicas e metodologias de ensino, deve-se atentar para o cuidado, o respeito, a consideração e o

⁶ A escola é uma unidade social de agrupamentos humanos, em que há uma interação entre indivíduos e grupos, distinta das demais organizações pela sua especificidade, pela sua construção social operada por professores, alunos, pais e elementos da comunidade (CARVALHO, 1999, p. 17).

afeto, como requisitos fundamentais da relação pedagógica ensinante-aprendente⁷, visto que “a escola ao possibilitar uma vivência social diferente do grupo familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança” (GALVÃO, 2000, p. 101).

No ambiente escolar, o sucesso das relações interpessoais entre os profissionais, alunos e comunidade escolar está relacionado ao alcance de seus objetivos no que tange ao processo de ensino aprendizagem dos alunos. De modo que a relação interpessoal pode ser entendida como a capacidade de se relacionar ou conviver com os outros. A partir dessa base analítica, é possível perceber, assim, que a escola é um conjunto de variáveis materiais e humanas que estão intimamente interligadas. Nesta via, segundo Gaspar (2009), o estudo sobre a importância das relações interpessoais na escola deve ocorrer desde a formação inicial do docente e se perpassar a sua formação continuada, considerando o estudo teórico e a vivência prática das relações interpessoais na escola, como elementos indissociáveis à formação dos professores. A formação continuada, deve ainda, contribuir para que a prática docente seja melhor fundamentada.

Nessa ótica, a promoção de espaços participativos que envolvam conjuntamente profissionais, alunos, famílias e a comunidade deve se dar a partir da comunicação efetiva e de uma escuta ativa e sensível ao outro, compreendido como um sujeito pleno de direitos, visando facilitar novas possibilidades para construção de uma identidade que é pessoal, mas que se desenvolve coletivamente, no âmbito social (GOMES, 2013, p. 118). Cada um tem o seu papel e que limites também devem existir para que a colaboração aconteça de forma plena. Vale destacar que “o conhecimento resulta de uma construção contínua que se processa mediante a interação entre sujeito e objeto” (ARANHA, 2006, p.307). Entender o comportamento do outro permite com que cada um consiga lidar melhor com as dificuldades que possam surgir nas relações. Nesse aspecto, ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

O ensino tem por objetivo provocar mudanças de comportamento e o professor age sobre os alunos procurando orientá-los. A criação de uma atmosfera favorável é condição para um bom trabalho docente. Por isso, o professor, em todo o momento, deve levar em consideração as reações dos alunos e procurar adaptar a esses aspectos a sua ação docente. Essa posição do professor no processo educativo mostra que os meios nunca podem substituí-lo. Os recursos possuem caráter instrumental, só têm valor como auxiliares que completam e facilitam a ação docente, multiplicando as possibilidades de atuação. Os meios têm missão de facilitar o trabalho do professor e permitir a individualização do ensino, não robotizá-lo (TURRA, 1983, p.172).

Na sala de aula tem-se as relações interpessoais e a construção de vínculos, um dos aspectos mais fundamentais a ser considerado. Cabe ressaltar que, ao conceber a formação da individualidade como processo social, Vigotski (2000, p. 24) considera que o modo de ser de um sujeito é influenciado pela

⁷ A aprendizagem mediada permite ao indivíduo desenvolver habilidades de pensamento eficientes, possibilitando-o tornar-se aprendiz independente e autônomo. A aprendizagem mediada e a cognição podem fazer o trajeto da aprendizagem efetiva (MENTIS, 1997, p. 13).

relação que ele estabelece com os outros, destacando-se a questão do autoconhecimento para que possa compreender as relações que se estabelecem ao seu redor. Sob esse prisma, os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. Aprendemos quando nos envolvemos ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização das atividades mentais e na interação com o outro. Aceitando o outro como ele é e pela forma como ele é. Ouvir os outros e aprender a vê-los como são, constituem atitudes fundamentais para as relações interpessoais, em especial para os professores, que podem, assim, agir melhor e influir na realidade (MOSQUERA e STOBÄUS, 2004, p. 97).

Para o bom relacionamento acontecer dentro de uma organização escolar é sempre importante destacar o papel dos sujeitos em relação, levando à qualidade do trabalho desenvolvido, à valorização da aprendizagem colaborativa e ao desenvolvimento interpessoal daqueles que compõem a escola. A escola, nessa perspectiva, é uma organização que tende a buscar o bom relacionamento dos elementos que a compõem. As relações de cooperação estimulam e possibilitam o desenvolvimento da inteligência. O desenvolvimento interpessoal, portanto, não se esgota no plano individual de crescimento da pessoa isoladamente. A competência interpessoal é um processo de qualificação profissional primordial para funções de intercâmbio social (MOSCOVICI, 1998, p. 169). O que coaduna com a ideia de que a relação interpessoal significa vínculo ou conexão entre duas ou mais pessoas dentro de um determinado contexto.

É interessante observar que a competência interpessoal é considerada como a habilidade de lidar eficazmente com relações interpessoais, de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidades de cada uma e às exigências da situação, pode ser também, desenvolvida e construída em situações de aprendizagem, que possibilite a vivência de trocas interpessoais e desenvolvimento de habilidades relacionais⁸. Essas ideias ganham relevância e significado, sobretudo quando concebemos que “é na sala de aula e nas tarefas derivadas da aula que os alunos gastam seu tempo e suas energias” (MORALES, 2009, p. 58). As interações que ocorrem no contexto escolar são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Com isso, a emoção associada à razão deve ser usada em favor da aprendizagem, pois o emocional e o racional são parte do desenvolvimento e crescimento humanos (ALMEIDA, 2001).

Outro aspecto que aparece como pano de fundo do que estamos colocando é que nos acostumamos a viver com as máscaras que colocamos em nós mesmos e nas outras pessoas. [...] Às vezes esta máscara é tão imponente que passamos a senti-la tão grudada à nossa pele que parece que temos esta outra pele. Voltaríamos a perguntar: que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar? (MOSQUERA e STOBÄUS, 2004, p. 97).

Ser professor que se pretende mais que um mero transmissor de informações exige, na condução de uma sala de aula, competências básicas como *saber*, *saber fazer* e, sobretudo, *saber ser*. A dimensão *saber*

⁸ Uma importante situação específica de comunicação e relação com os alunos na sala de aula se dá em torno dos resultados de provas e avaliações e do modo como são corrigidas e comentadas. Nessa situação, temos garantida a receptividade dos alunos, dado o interesse natural que eles têm em conhecer os resultados de suas avaliações e provas (MORALES, 2009, p. 121).



é a competência técnica, que simboliza o domínio dos conteúdos básicos, das diferentes áreas do ensino e do fazer profissional. O *saber fazer*, habilidade da comunicação, constitui-se, a fim de exemplificar, na linguagem para a facilitação da compreensão dos conteúdos; apresentar a informação de modo a que os discentes possam significá-la e oportunizar a sua transformação em conhecimentos; recursos a serem mobilizados para fazer da aula momento de prazer. Dimensão *saber ser - saber ser pessoa junto a outras pessoas*. Perceber-se como mediador de relações interpessoais significativas no processo de formação de cidadãos para atuarem no mundo cada vez complexificado.

Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes (...) a escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe (KENSKI, 2010, p.64).

Diante disso, vale sublinhar que a escola como uma organização social diz respeito a um grupo com características próprias onde cada um tem o seu papel específico definido, o qual é atribuído a cada indivíduo que é responsável por desenvolvê-lo, sabendo lidar com as diferentes formas que cada um apresenta. Desse modo, um grupo de pessoas heterogêneas pode se tornar uma equipe, um coletivo, quando consegue desenvolver um espírito de trabalho coletivo, respeitando-se as diferenças pessoais no sentido de buscar objetivos em comum, pautando-se, cada sujeito, no autoconhecimento e na autorreflexão, para *a posteriori* se relacionar com os pares na busca por seus objetivos.

Em síntese, as interações humanas têm repercussões na aprendizagem e no desenvolvimento dos sujeitos delas participantes, a sala de aula é o lugar das interações simultâneas⁹. Em cada ação desencadeada, conhecimentos e afetos são mobilizados e mudanças ocorrem nos sujeitos envolvidos na relação, para fazer a diferença na vida de seus alunos é preciso gostar deles, se preocupar com eles, se eles estão aprendendo, o que está se passando na vida deles, e principalmente valorizá-los como sujeitos capazes. Consoante com Placco (2002), considerando a dinâmica social e relacional na instituição escolar, as relações que ocorrem em sala de aula são propiciadoras do desenvolvimento de docentes e discentes, em que todos ensinam e aprendem no processo educativo. Por fim, parafraseando Freire (1996) "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (p. 23).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, diante da realidade atual, em que há o incremento das tecnologias digitais com o acesso à informação em profusão, é relevante criar condições no ambiente educativo para promover um ambiente sadio e favorável à aprendizagem significativa, em um ato formativo com cunho de ação

⁹ Não é só o professor que influencia os alunos, mas estes, por sua vez, influem no professor, criando-se um círculo que não deveria ser vicioso, mas potencializador de uma boa relação e de um bom aprendizado (MORALES, 2009, p. 59).



humanizadora e não somente com caráter de transmissão de saberes e conhecimentos técnicos. Nessa linha, o processo de ensino e aprendizagem está associado às relações interpessoais, de modo que as relações familiares, sociais, institucionais estão diretamente ligadas ao sucesso ou fracasso escolar dos estudantes.

Consante com Morales (2009, p. 49), “a relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos”. Assim, a pesquisa pretendeu apontar, assim, a questão da afetividade na sala de aula, constituindo-se como um campo de estudos sistemático que tem suas especificidades. Observou-se que, no campo educacional, o vínculo estabelecido entre os atores partícipes do processo é fundamental e determina a forma que os sujeitos vão desenvolver as atividades de ensino e aprendizagem, pois o trabalho necessita ser colaborativo e cooperativo. Trata-se de um tema que requer aprofundamento de estudos na literatura sobre relações humanas e sociais.

Segundo Feuerstein, citado por Mentis (1997), é preciso que os professores demonstrem interesse pelo educando e busquem estratégias de ensino que valorizem a motivação, as expectativas e as necessidades deles, na perspectiva de propiciar uma convivência saudável entre todos. Relações interpessoais positivas entre professor e aluno são fundamentais no processo de aprendizagem. Em face do exposto, com base nos teóricos analisados, é necessário não perder de vista que a maneira como será realizada a troca de afetos entre as pessoas dependerá de como o sujeito constitui sua personalidade, processo esse que se dá desde os primeiros anos de vida e espraia em diferentes âmbitos da vida, incluindo nessa seara o espaço educacional.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam (*et. al*). Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. In: ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). Brasília: Unesco; Ministério da Educação, 2004. 124 p.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. São Paulo: Papirus, 2001.
- ANTUNES, Celso. Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como um espaço de crescimento integral. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. 3. ed., ver. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.
- BOCK, Ana Mercês Bahia (org). Psicologias – Uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRENNER, Carmem Eloisa B. FERREIRA, Liliana S. Trabalho Pedagógico, gestão e as relações interpessoais na escola. Revista Iberoamericana de Educación, 82(2), 47-63. 2020.
- CARVALHO, A. (et al). Projecto Educativo. Porto: Ed. Afrontamento, 1999.
- FALCÃO, Gérson Marinho. Psicologia da aprendizagem. 3. ed., - São Paulo: Ática, 1986.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Formação continuada e gestão da educação. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. RJ: Paz e Terra, 1996.
- FRITZEN, S. J. Relações Humanas Interpessoais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GASPAR, Maria Aurora Dias. Aprendendo a conviver: um estudo que prioriza as relações interpessoais na comunidade escolar. Tese. PUC-SP. 2009.
- GOMES, Celma Borges (Coord.). Violência nas escolas: uma realidade a ser transformada. Curitiba: Juruá, 2013.
- GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 73-89.
- KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- MENTIS, Mandia. (Coord.). Aprendizagem mediada dentro e fora da sala de aula. Tradução de José Francisco Azevedo. São Paulo: Ed. Senac, 1997. 202 p.
- MORALES, Pedro. A relação professor-aluno, o que é, como se faz. 8. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2009.
- MOSCOVICI, Fela. Desenvolvimento Interpessoal: treinamento em grupo. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.



MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza & ALMEIDA, Laurinda Ramalho. As Relações Interpessoais na Formação de Professores. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, Bettina S.; ANTUNES, Denise D.; BERNARDI, Jussara. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. Educação. Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 46-53, jan./abr. 2008.

SOUZA, C. B. de. A afetividade na visão de docentes da Educação Infantil. 2013. 42 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20863/2/MD_EDUMTE_2014_2_21.pdf. Acesso em: 10 mar. 2025.

TATAGIBA, Maria Carmen & FILÁRTIGA, Virgínia. Vivendo e Aprendendo com Grupos: uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TURRA, Clodia Maria Godoy (org.). Planejamento de ensino e avaliação. 10. ed. 7. impressão. Porto Alegre: PUC- RS/ Emma. SAGRA, 1983. 307 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.